

VIII Simpósio Nacional de História Cultural
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

A ACELERAÇÃO DO TEMPO EM ROSA

Helena Zanella Prates*

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a origem da sensação contemporânea de aceleração, e suas consequências na sociedade atual, que vive um tempo compartilhado por redes sociais, de múltiplas possibilidades, na prática, quase sempre inviáveis de ser, que aumentam ainda mais a sensação de angústia do homem contemporâneo. Já que, conforme afirma Jonathan Trejo-Mathys (in ROSA, 2013, p. 12) um fator considerável da sociedade contemporânea certamente é “[...] the sheer speed with which the speed -inducing networked electronic exchanges have sprung into existence. In a matter of several years they have transformed the trading landscape”¹.

O tempo já foi estudado por muitos filósofos que criaram conceitos e divergiram sobre o tema ao longo da história, como: Santo Augustinho, Kant, Bergson, Mc Taggart, Heidegger ou Mead. O pensador central, sobre cujos fundamentos baseia-se este trabalho, é o sociólogo e também filósofo alemão Hartmut Rosa, que analisa as constantes mudanças sociais contemporâneas. Para ele:

* helena.prates@gmail.com

¹ [...] a velocidade absoluta com a qual o ritmo das trocas eletrônicas em rede tem impulsionado à existência. Em questão de alguns anos elas transformaram o ambiente de transação (tradução nossa).

Les études sociologiques et ethnologiques sur le temps partagent une découverte qui implique deux résultats essentiels: premièrement, non seulement la mesure du temps mais aussi sa perception et les horizons temporels sont étroitement dépendants de la culture, donc se transforment avec les structures sociales. (ROSA, 2013, p. 18)²

O que diferencia uma cultura de outra é a percepção de tempo que se tem de cada uma delas. Se a mensuração e percepção de tempo são estritamente conectadas às estruturas sociais e à medida que estas sofrem constantes mudanças em consequência das ordens, principalmente, políticas e econômicas de uma sociedade, é impossível que o tempo se mantenha igual ao longo da história; e é igualmente impossível que o homem mantenha a mesma percepção sobre o tempo, e sobre si mesmo em relação àquele que, implacavelmente, promete-lhe a finitude no decorrer da narrativa da humanidade.

A História, a narrativa que registra a produção do tempo das sociedades (considerando cultura como produção de tempo, no sentido, de marcar uma época³), também sofre as consequências em suas formas e ritmos de registro, conforme mudam os tempos. Já que, de acordo com Paul Ricoeur (1985, p. 5), existe uma importante distinção entre “*lived experience, historical time, and fictional time*”⁴. Nossa sociedade atual, da aceleração, vive um processo fundamental de transformação no ritmo de sua *experiência de vida* (portanto, de sua experiência de tempo), *seu tempo histórico e seu tempo ficcional*.

Para Rosa, esta aceleração começa com a Revolução Industrial entre os séculos XVIII e XIX. Com ela, surgiu a aceleração dos transportes, da comunicação e da produção da história da Modernidade. O que modificou a forma de percepção do homem em relação a seu lugar no mundo, já que, este, literalmente enquanto espaço, mudou, conforme Hartmut (2013, p. 378): “Des études ont montré que la terre nous apparaît soixante fois plus petite qu’avant la révolution des transports. Le monde est à portée de main”⁵.

² Estudos sociológicos e antropológicos sobre o tempo compartilhado uma descoberta que envolve duas principais conclusões: primeiro, não só a medição do tempo, mas também a percepção e seus horizontes temporais dependem estritamente da cultura, por isso que se transformam com as estruturas sociais (tradução nossa).

³ Para Rosa, a percepção e os horizontes temporais são estritamente ligados e dependentes de uma cultura, por isso, modificam-se com as estruturas sociais. Assim, pode-se considerar que cada grande marco na história de uma cultura significa também um grande marco de tempo.

⁴ [...] experiência vivida, o tempo histórico e tempo ficcional (tradução nossa).

⁵ Estudos têm demonstrado que a terra nos parece sessenta vezes menor do que antes da Revolução dos Transportes. O mundo cabe na palma da mão (tradução nossa).

As distâncias geográficas foram diminuindo, as formas de se locomover por entre os continentes e países foram sendo facilitadas e a comunicação passou a ser ampliada à medida que surgiam e evoluíam os meios de comunicação. O primeiro marco a ser criado foi o telégrafo, a partir dele, vieram o rádio, já no início do século XX, o telefone e o cinema.

Na metade do século passado, nasceu a televisão, que se espalhou e dominou o mundo, impulsionando a Era da Comunicação, como ficaram conhecidas as últimas décadas dos anos 1900, quando também surgiram o computador e a internet, principais responsáveis pelos títulos dos anos 1990 (Era da Comunicação e Informação, e também da Globalização) e da nova percepção de tempo do século XXI.

Suite au processus d'accélération technique, la manière dont nous nous situons <<dans le monde>>, c'est-à-dire dans l'espace et dans le temps, et en relation les un avec les autres, s'est transformée de fond en comble. Cette transformation a révolutionné les formes dominantes d'interprétation du monde et de soi-même, et a donc fortement influencé les formes de subjectivité et de socialité [...] Ces accélérations techniques, ou plutôt prétechnologiques sont déjà l'indice d'une transformation de la conscience du temps et de l'espace de plus en plus indépendante d'un lieu précis et une perception du temps de plus en plus indépendante de l'espace⁶. (ROSA, 2013, p. 125)

Se as distâncias geográficas já haviam diminuído entre os séculos XIX e XX, facilitando o ir e vir das pessoas para os mais distintos lugares; e a comunicação já era intensa e globalizada no fim dos anos 1990, a internet, que passou a ser comercializada no Brasil em 1995, marcou o início de uma nova Revolução, que se intensificaria neste começo do século XXI, considerada por Rosa (2013): *la révolution des transmissions*, ou seja, a revolução das transmissões.

Se a revolução do transporte fez as pessoas se locomoverem para se aproximarem; a das transmissões, dá um outro sentido espacial ao homem: é possível se ver qualquer lugar do mundo, e até mesmo do universo, e qualquer pessoa sem nem sequer

⁶ “Seguida aos processos de aceleração técnica, a maneira como nos encaixamos ‘no mundo’, ou seja, no espaço e no tempo, e a relação de com os outros, tem-se transformado completamente. Esta transformação tem revolucionado as formas dominantes de interpretar o mundo e de si mesmo, e assim influenciou fortemente as formas de subjetividade e sociabilidade. [...] Estas *acelerações técnicas*, ou melhor, pré-tecnológicas já indica uma transformação da consciência do tempo e do espaço cada vez mais independentes de um lugar preciso e de uma percepção de tempo cada vez mais independente do espaço” (tradução nossa).

ser preciso sair de casa, ao que Rosa define como um sentido de espaço “stationnaire” (estacionário).

Aujourd’hui, le temps a anéanti l’espace. Avec l’accélération des transports, la consommation, la communication, je veux dire l’ « accélération technique », la planète semble se rétrécir tant sur le plan spatial que matériel. [...] Des études ont montré que la terre nous apparaît soixante fois plus petite qu’avant la révolution des transports. Le monde est à portée de main. Non seulement on peut voyager dans tous les coins, rapidement, à moindres frais et sans faire beaucoup d’efforts, mais on peut aussi, avec l’accélération des communications, la simultanéité qu’elle apporte, télécharger ou commander presque chaque musique, livre ou film de n’importe quel pays, en quelques clics, au moment même où il est produit⁷. (ROSA, 2013, p. 378)

No entanto, a tecnologia não cessa em evoluir e se superar, e a grande rede que, até a metade da primeira década dos anos 2000, era conectada a um computador que ficava fixo nas casas ou nos escritórios dos indivíduos, que, apesar de estarem conectados ao mundo, precisavam estar fixos em algum lugar, em um espaço definido, passou a estar acessível em diversos dispositivos móveis como os celulares, principalmente, permitindo que as pessoas se conectem às infinitas informações e transmissões, de qualquer lugar a qualquer minuto das 24 horas que usamos como medida do tempo de um dia.

Com isso, um processo que já vinha em transformação se intensificou dando ao homem um novo sentido à sua inserção, portanto, à sua percepção de tempo e espaço no mundo; trazendo um novo ritmo à formação de sua subjetividade. Conforme define Hartmut:

Face à ces conceptions, dans la société plus différenciée des temps modernes, s’impose progressivement une conscience du temps linéaire qui remplace le cercle du temps par une ligne irréversible venant du passé et se dirigeant, en passant par le présent, vers l’avenir. Ce n’est qu’alors que l’expérience d’un temps divisé entre passé, présent et futur devient dominante, en particulier lorsque ce futur est conçu comme enfermé dans un *telos* historique (comme, par exemple, dans le christianisme ou le marxisme). Finalement, dans la société fonctionnellement différenciée de la modernité avancée, la conception

⁷ Hoje, o tempo aniquilou o espaço. Com a aceleração dos transportes, do consumo, da comunicação, quero dizer, com a ‘aceleração técnica’, o planeta o mundo parece encolher tanto espacial quanto materialmente. Estudos têm demonstrado que a terra nos parece sessenta vezes menor do que antes da Revolução dos Transportes. O mundo cabe na palma da mão. Podemos não apenas viajar para todos os cantos, de forma rápida, barata e sem muito esforço, como também, com a aceleração das comunicações, a simultaneidade que ela traz, transferir ou ordenar quase toda música, todo livro ou filme, de qualquer país, com apenas alguns cliques, no exato momento em que este tenha sido produzido (tradução nossa).

predominante est celle d'un *temps linéaire à l'avenir ouvert*⁸. (ROSA, 2013, p. 19)

O TEMPO CIRCULAR E COMPARTILHADO, LIGEIRAMENTE BREVE

Assim, o conceito de tempo linear, que predominou a História até então, passou a ser aberto. Porém, ainda de acordo com Rosa, enquanto indivíduos nós praticamente não definimos nosso ritmo de vida, que ainda é quase sempre determinado pela sequência e duração das nossas atividades e responsabilidades perante à sociedade em que vivemos e à cadeia de produção a que pertencemos. E estes tempos são definidos por modelos temporais coletivos, como o horário de funcionamento da empresa em que trabalhamos, da escola em que as crianças estudam, das instituições das quais dependemos para tarefas burocráticas e sociais (bancos, cartórios, restaurantes, bares, etc.).

O fato é que este conceito de tempo aberto ficou ainda mais evidente com o surgimento das famosas redes sociais, com o marco datado da criação do Facebook em 2005, que dão ao indivíduo a possibilidade de, não apenas estar conectado ao mundo de qualquer lugar, a qualquer tempo, como também a sensação de viver o tempo alheio, desconexo, fragmentado do que é postado na internet.

Para Rosa, esta fragmentação temporal acontece também com a História, pois, na grande rede, fatos históricos de temporalidades completamente adversas podem aparecer lado a lado ao mesmo tempo, e se, quem enxerga esta posição não linear do tempo histórico, não souber situá-la conforme a lógica estabelecida pelos registros históricos, vai perceber esse tempo vivido pela humanidade com outra percepção, também aberta e não mais linear, como foi previamente estabelecido.

As narrativas são atualmente fragmentadas e interconectadas, assim como nossa percepção de tempo atual, que é composta por fragmentos de histórias que acabam por construir uma só, ou seja, acabam construindo a versão da história de cada indivíduo. As pessoas estão linkadas diariamente a redes sociais e meios de informação que mostram

⁸ Frente a estes conceitos, na sociedade mais diferenciada dos tempos modernos, impõe-se progressivamente uma consciência de tempo linear que substitui o círculo de tempo por uma linha irreversível vinda do passado, movendo-se, passando pelo presente, em direção ao futuro. É só então que a experiência do tempo dividido entre passado, presente e futuro se torna dominante, em especial quando o futuro é concebido como fechado dentro de um *telos* histórico (como, por exemplo, o cristianismo ou o marxismo). Finalmente, na sociedade funcionalmente diferenciada de modernidade tardia, a concepção predominante é a de um tempo linear de futuro aberta (tradução nossa).

diversas e, às vezes, repetidas partes da história que é construída diariamente pela humanidade. Cabe a cada um de nós selecionar e entender no que acreditar. Conforme afirma Hartmut:

[...] les processus désignés par des expressions telles que <<mondialisation>>, <<révolution de l'information>> ou de la <<communication>> ne conduisent pas seulement à un sens et une expérience différents de l'espace, ils modifient également la forme et la perception du temps social. En raison de la capacité de stockage de l'information quasi illimitée des nouveaux médias, et de l'augmentation décrite plus haut des phénomènes de simultanéité du non-simultané, le temps commence à perdre son caractère unilinéaire et sa fonction d'orientation, parce que la relation entre les séquences et les chronologies semble se dissiper peu à peu⁹. (ROSA, 2015, p. 131)

Ainda que a maior parte do nosso tempo seja definido pelo tempo do sistema em que vivemos, já se notam alteração até nos processos de tempos de trabalho. O conceito home office, trabalho de casa, é cada vez mais adotado por empresas que percebem economia em não ter gastos com um funcionário, em espaço de trabalho com uma estrutura paga pela companhia (gastos com luz, café, internet, telefone, alugueis menores pela necessidade de espaços físicos também menores, etc.); e no aumento da produtividade do funcionário que não perde tempo em um ambiente de trabalho que não lhe agrada, não desperdiça tempo e energia produtiva no deslocamento a esse ambiente, etc.

Porém, essa sensação de tempo e espaço fluída, nada estática, traz ao indivíduo a perda da sensação de pertencimento.

À partir de ce <<milieu de vie>>, l'observateur développait l'horizon de son <<monde vécu>> em cercles concentriques de moins em moins familiaux, produisant une représentation abstraite de l'espace, dépourvue de lieu e dont le centre pouvait varier¹⁰. (ROSA, 2013, p. 128)

⁹ Os processos designados por expressões tais como “mundialização”, “revolução de informação” ou da “comunicação” não conduzem somente a um sentido e uma experiência diferentes de espaço, eles modificam igualmente a forma e a percepção do tempo social. Devida à capacidade de estocagem de informação quase ilimitada das novas mídias, e o aumento descrito dos fenômenos de simultaneidade e não-simultaneidade, o tempo começa a perder seu caráter unilateral e sua função de orientação, porque a relação entre as sequências e as cronologias parece se dissipar pouco a pouco (tradução nossa).

¹⁰ A partir desse *ambiente de vida*, o observador expande o horizonte de seu *mundo vital* em círculos concêntricos cada vez menos familiares, produzindo uma representação abstrata do espaço, desprovido de lugar e cujo centro pode variar (tradução nossa).

Ou seja, de acordo com Rosa (tradução nossa): “A partir desse *ambiente de vida*, o observador expande o horizonte de seu *mundo vital* em círculos concêntricos cada vez menos familiares, produzindo uma representação abstrata do espaço, desprovido de lugar e cujo centro pode variar”. Esta possibilidade de variação de centro traz ao homem um vazio, traz ainda a falta de pertencimento e de discernimento do que deve ser colocado neste centro, neste foco de condução de seu caminho pelo período de tempo neste espaço maior que é a vida.

Pois, segundo o psiquiatra e filósofo Mauro Maldonato:

Entender o tempo para além de sua cronologia significa associá-lo à consciência e compreender que o pensamento racional vincula-se, de forma indissociável, às emoções. Ao se referir a uma experiência as pessoas atribuem ao tempo um valor que se traduz na forma como se estruturam a memória, a nostalgia e a própria esperança. [...] Enquanto a memória e a nostalgia conduzem o indivíduo ao passado, um tempo vivido que não mais nos pertence, é a capacidade de projetá-las para o futuro que nos permite viver o tempo presente. (MALDONATO, 2012, p. 11)

Essa consideração coloca em foco, provavelmente, o principal conflito da sociedade ocidental contemporânea em relação ao tempo: a dessincronização entre tempo biológico e tempo social. Através da extrema conexão entre os homens via internet e redes sociais, e pela possibilidade de se ter a impressão de se vivenciar o tempo e espaço alheio (pelas redes sociais se multiplicam fotos das pessoas viajando, conhecendo lugares e pessoas diversas, registrando as mais diversas experiências sociais, num verdadeiro simulacro de realização pessoal), cria-se um sentimento de possibilidades de ações infinitas de vida, e, principalmente, o desejo de querer realizá-las em sua plenitude, dificultando ainda mais a coragem na definição das escolhas e, portanto, do amadurecimento humano.

A sensação de não pertencimento e a dessincronização entre tempo biológico e tempo social causada pela atual aceleração do tempo são dois obstáculos que o homem contemporâneo enfrenta. Na mera vivência desses desafios pode-se estar investindo o tempo humano necessário para se pensar soluções às novas demandas da sociedade contemporânea. Pois, se antes a sociedade ocidental moderna era organizada em tempos, espaços e estruturas sociais sistemáticos; a atual vive uma verdadeira revolução temporal, espacial e estrutural, que exige, por exemplo, um novo tempo político.

Para Rosa, conforme citado a seguir, nossa relação com o espaço, os outros e com as coisas é fluída, transitória, rapidamente modificável e ocasional.

Pour le dire en une formule simplifiée et schématique, on peut constater en fait que de même que notre *relation à l'espace* s'est transformée, avant tout en raison de l'accélération des transports, *notre relation aux êtres humains*, dans une large mesure en raison de l'accélération de la communication, et nos *relations aux choses* par l'accélération de la (re)production ont subi une véritable révolution. La transformation de notre rapport à l'espace, aux autres hommes et aux structures matérielles suit donc la logique commune à l'ensemble des processus de modernisation : ils sont « fluidifiés », c'est-à-dire transitoires, rapidement modifiables et contingents¹¹ (ROSA, 2013, p. 133)

Nesta lógica da aceleração a política perdeu o compasso em relação às demais áreas sociais, correndo o risco de se tornar um discurso de *marketing*, na tentativa de se tornar justamente mais atraente, conforme afirma Rosa (2013, p. 325). O pensador alemão também considera que a política não aparece mais como um elemento de progresso, mas literalmente como um freio à modernização. Demonstrando, assim, que a aceleração do tempo afeta a capacidade de reflexão da sociedade contemporânea.

Toutes ces évolutions semblent indiquer que le temps de la politique est révolu. Parce que la politique reste dans son horizon temporel comme dans sa vitesse de travail en retard sur les transformations dans l'économie et la société, elle ne peut plus jouer son rôle (qui lui reste cependant assigné culturellement) pour *fixer* la *cadence* de l'évolution sociale ou pour *façonner* l'histoire. Là où elle maintient son ambition de diriger, elle n'apparaît plus comme un élément de progrès, mais littéralement comme un « frein à la modernisation¹² ». (ROSA, 2013, p. 326. Grifo nosso)

Um outro fator de angústia causado pela aceleração do tempo, na verdade, origina-se no decorrer da história, desde as definições de Augustinho e tantos outros que

¹¹ Para dizer de uma forma simplificada e esquemática, podemos ver que, na verdade, assim como a nossa relação com o espaço foi transformado, principalmente devido à aceleração dos transportes, também nossa relação com os seres humanos, em grande parte devido à aceleração da comunicação e as nossas relações com as coisas pela aceleração da (re) produção sofreu uma revolução. A transformação da nossa relação com o espaço, a outros homens e estruturas materiais seguindo assim a lógica comum a todo o processo de modernização: elas são "fluidizadas", isto é, transitórias, rapidamente modificáveis e aleatórias (tradução nossa).

¹² Todos esses desenvolvimentos sugerem que o tempo da política acabou. Porque a política permanece em seu horizonte de tempo como em sua velocidade de trabalho em atraso em relação às mudanças na economia e na sociedade, já não pode desempenhar o seu papel (embora que permanece culturalmente atribuído) para *definir* o *ritmo* da mudança social e para *moldar* a história. Em que mantém a sua ambição de liderar, já não aparece como um elemento de progresso, mas literalmente como um "freio à modernização".

se lançaram no desafio de entender o tempo; no decorrer de tantas mudanças sociais e de percepções do tempo, diante da ampliação da comunicação, do acesso infinito a possibilidades a um só clique, um fato que até hoje não mudou: nossa finitude.

Por mais que a estimativa de vida humana tenha sido ampliada com o avanço da medicina e da própria tecnologia, nosso tempo de existência ainda é finito. Tem fim, sem data marcada, é verdade, mas acaba, e nós desapareceremos deste espaço e deste tempo tal qual os entendemos e percebemos.

Embora, Hartmut Rosa aponte mudanças perceptíveis inclusive em nosso tempo biológico:

Enfin, l'âge biologique lui-même perd sa fonction ordonnatrice des séquences de l'existence: des périodes d'activité professionnelle peuvent être remplacées par des phases de formation, on peut désormais avoir des enfants à un âge avancé et même à l'âge de la retraite, une période de célibat peut succéder à une phase de vie en couple, etc.¹³ (ROSA, 2013, p. 132)

De acordo com Rosa, no início da tradução acima: “Finalmente, a própria idade biológica perde sua função de instruir as sequências da existência”. Isso tem sido comprovado, principalmente, nas modificações nos processos de reprodução. Se, até pouco tempo atrás, uma mulher tinha um período fértil naturalmente definido, hoje, através de procedimentos médicos, como o congelamento dos óvulos, por exemplo, ela pode postergar e ampliar seu período de procriação, o que já quebra o padrão de uma reprodução feminina de até então, no máximo, 40 anos de idade. Fato já sendo utilizado, inclusive, pelo capitalismo em seu processo de produção; o que é tema para outra reflexão.

Mas o tempo existencial eterno ainda não foi inventado. Apesar de tantos avanços tecnológicos, o homem não conseguiu vencer a própria morte. Não sendo, assim, dono de sua existência. Portanto, a necessidade de aceleração se faz ainda maior, não apenas pela percepção de tempo acelerada, devido ao tempo compartilhado em rede, e todos os outros fatores anteriormente apresentados; mas, essencialmente, pela urgência do homem de querer viver tudo o que lhe é, aparentemente, oferecido. Inclusive, a

¹³ Finalmente, a própria idade biológica perde sua função de instruir as sequências da existência: os períodos de atividade profissional podem ser substituídos por fases de formação, agora podemos ter filhos em uma idade mais avançada e até mesmo na idade da aposentadoria, um período de celibato pode suceder uma fase de vida conjugal, etc. (tradução nossa)

pretensa sensação de eternidade e de controle do tempo, que continua a ser um grande mistério.

A grande questão para Rosa (2013, p. 21) é “*savoir comment nou voulon passer notre temps* ne se pose donc pas uniquement à propos de la vie quotidienne, mais aussi à propos de notre existence tout entière”¹⁴, ou seja, saber como vamos passar nosso tempo não apenas em relação à nossa vida cotidiana, mas também em relação a toda nossa existência.

O tempo compartilhado em rede dá ao homem uma maior sensação de devir, da possibilidade do ser. O que lhe causa angústia e ansiedade. Em um mundo repleto de cobranças por investimento de tempo vital em produção de capital; em que se está conectado em rede com qualquer ponto e cidadão do planeta. Mas, no qual, comumente ouve-se dizer “não tenho tempo” seja para encontrar um amigo, familiar ou, simplesmente, olhar literalmente para o mundo em volta de si – e o tom utilizado nesta frase é de orgulho, já que “não se ter tempo” é sinônimo de produção, de vida completa de atividades, porém, não necessariamente de sentidos – o tempo passa a ser o bem mais precioso que existe.

Como disse Friedrich Nietzsche: “Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário, ou erudito”, conforme citado por Mauro Maldonado em seu livro “Passagens do Tempo” (2012). Que o tempo possa, enfim, ensinar essa lição ao homem, tecendo a história de cada um de nós com longos fios de simplicidade e conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. *O que é meu é seu* – como o consumo colaborativo vai mudar o mundo. Bookman, 2011.

ISAACSON, Walter. *Os inovadores* – uma biografia da revolução digital. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

JENKINS, Henry. *Cultura da divergência*. São Paulo: Aleph, 2012.

MALDONADO, Mauro. *Passagens do Tempo*. São Paulo: SESC, 2013.

¹⁴ [...] saber como gastamos nosso tempo surge, portanto, não só sobre a vida cotidiana, mas também sobre toda a nossa existência (tradução nossa).

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RICOEUR, Paul. *Time and Narrative*. Chicago: The University of Chicago, 1985.

ROSA, Hartmut. *Accélération*. Paris: La Découverte, 2013.

SIBILIA, Paula. *Show do Eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

